

A ENCENAÇÃO DE UM CRIME: UMA CONSTITUIÇÃO RECÍPROCA ENTRE CENOGRAFIA E ENUNCIÇÃO

Jarbas Vargas Nascimento¹

Anderson Ferreira²

Resumo: Este artigo consiste em examinar a constituição da cenografia no gênero notícia, por meio de recortes feitos em dois jornais populares: o *Agora São Paulo* e o *Diário de São Paulo* entre os dias 18 e 19 de setembro de 2013, enfatizando a construção das cenografias legitimadas pela enunciação e o enlaçamento do coenunciador em cenas de investigação criminal. Serão, portanto, cinco textos, tomados como discurso, que, a nosso ver, produzem em conjunto uma encenação de um suposto crime. Para tanto, fundamentamo-nos, a presente análise, no aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso de perspectiva enunciativo-discursiva, em especial, os estudos de Dominique Maingueneau acerca da noção de cenas da enunciação, cuja categoria de cenografia será por nós destacada. É importante ressaltar uma imparcialidade quase nula dos jornais em questão perante os fatos e, também, a insistência em tratar o suposto crime por meio da vulnerabilidade social das famílias da periferia da Grande São Paulo, nomeadamente Ferraz de Vasconcelos, e pelo viés sociocultural dos envolvidos, recuperando, deste modo, violências simbólicas e efetivas de toda ordem que ocorrem no cotidiano público e privado nos bairros periféricos.

Palavras-chave: Cenografia. Notícia. Discurso. Violência.

Abstract: This article examine the constitution of scenography in the news genre, through indentations made in two popular newspapers: the *Agora São Paulo* and the *Diário de São Paulo* between 18 and 19 September 2013, emphasizing the construction of scenography legitimated by the enunciation and the bonding of coenunciator in criminal scenes. It will be, therefore, five texts, taken as discourse, which, in our view, produce together a staging of an alleged crime. Therefore, fundamented in, the present analysis, the theoretical and methodological apparatus of the Analysis of Discourse of the enunciative-discursive perspective, in particular, Dominique Maingueneau studies about the notion of scenes of enunciation, whose scenography category will be for us highlighted. It is important to emphasize an impartiality almost nothing of the newspapers concerned before the facts, and also, the insistence on treating the alleged crime through social vulnerability of families in the outskirts of the greater São Paulo, namely Ferraz de Vasconcelos and for the sociocultural inclination of those involved, recovering, in this way, all kinds of symbolic and effective violences that occur in the daily public and private in the suburbs neighborhood.

Keywords: Scenography. News. Discourse. Violence.

¹ Professor titular do Departamento de Português e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Rua Monte Alegre, 984, Perdizes, 05014-901, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: jvnfl@yahoo.com.br

² Doutorando pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Rua Monte Alegre, 984, Perdizes, 05014-901, São Paulo, SP, Brasil. Com estágio sanduíche na Universidade do Minho-ILCH, 2015. Bolsista Capes. N° processo: 9999.099474-0. E-mail: andersonferreirasp94@gmail.com

Introdução

O presente artigo visa a examinar, no gênero jornal, a constituição recíproca presente entre a cenografia e a enunciação. Privilegiamos como aporte teórico-metodológico a Análise do Discurso em sua perspectiva enunciativo-discursiva, em particular, os estudos propostos por Dominique Maingueneau sobre a noção de cenas de enunciação. Na primeira seção, expomos as condições sócio-históricas e culturais de produção do *corpus* selecionado, considerando o modo pelo qual a mídia jornalística transforma o acontecimento em notícia de forma a capturar a realidade empírica por meio de recortes e seleções subjetivas. Na segunda seção, apresentamos a noção de cenas de enunciação proposta por Maingueneau (2008; 2015) e, em especial, a categoria de cenografia e sua forma de constituição como estratégia de envolvimento discursivo entre os coenunciadores. Na última seção, analisamos cinco textos noticiosos, tomados como discurso, e retirados dos jornais *Agora São Paulo* (doravante, ASP) e *Diário de São Paulo* (doravante, DSP).

Mídia, discurso e violência

Em setembro de 2013, na cidade de Ferraz de Vasconcelos, Grande São Paulo, a mídia jornalística noticiou a morte de cinco pessoas de uma mesma família. Seus corpos foram encontrados dentro do apartamento onde moravam. Tratava-se de Dina Vieira da Silva de 42 anos e seus quatro filhos, sendo três meninas de 7, 11 e 16 anos e um menino de 12 anos. Na época, entre os dias 18 e 19 de setembro, os jornais ASP e DSP dedicaram um espaço significativo para o evento. Durante as investigações, algumas informações dadas pela Polícia Civil do Estado de São Paulo foram sendo acrescentadas pelos referidos jornais. Conforme as investigações avançavam, os jornais iam acrescentando materialidades novas às práticas discursivas em torno do caso: fotos, informações de testemunhas, relatos sobre a vida dos envolvidos, falas de autoridades.

O jornal ASP deu destaque ao evento, publicando um iconotexto em que associa a imagem de um homem sendo conduzido por policiais à delegacia e enunciados. Na parte de cima da notícia, em caixa alta e com fundo vermelho, pode-se ler: “Mãe e quatro filhos são encontrados mortos na Grande São Paulo”. Abaixo, ao lado da foto, em destaque, a manchete “Boliviano é suspeito de matar família envenenada”. Abaixo se segue a organização textual da notícia, com as informações dos envolvidos, como a figura [1] abaixo mostra.



Figura 1. Iconotexto. Alex Pedraza sendo conduzido à delegacia

Fonte: Agora São Paulo

A apreensão global do iconotexto na figura [1] produz uma relação inextricável, no campo da criminalização, entre as vítimas e o homem que esconde o rosto. Com efeito, a imagem é um elemento essencial na produção dos efeitos de sentido no discurso jornalístico. Associada ao texto verbal, a imagem direciona o olhar do leitor ao momento da prisão, suposto desfecho do caso. Não existe movimento que explique ou negue uma imagem congelada, mas “[...] o fluxo incessante da imagem constitui o nosso meio circundante” (SONTAG, 2003, p. 33). O iconotexto materializa um discurso tecido de forma bem organizada pelo jornal em questão. Portanto, a imagem apresentada no jornal ASP circunda-se por enunciados que a testemunham.

É preciso preencher, no entanto, por meio de recortes e seleções subjetivas, os elementos necessários à construção da notícia diante de sua condição sócio-histórica e cultural. Desse modo, observamos:

- O espaço temático: “Mãe e quatro filhos são encontrados mortos na Grande São Paulo”, “[...] é um fato que se inscreve num certo domínio público e que pode ser reportado sob a forma de um minirrelato” (CHARAUDEAU, 2010, p. 132).
- O lugar: Grande São Paulo.
- O fato: pessoas encontradas mortas num apartamento.
- Os atores: mãe, quatro filhos e o boliviano, Alex Guinones.
- A novidade: um imigrante boliviano mata por envenenamento a namorada e os quatro filhos dela por motivação passional.
- A fonte: a Polícia Civil.

- A diversidade no tratamento: a prática discursiva em descrever o fato.

A construção da notícia: cenas da enunciação

O acontecimento no discurso refere-se à morte de cinco pessoas da mesma família. A suposta brutalidade dessas mortes é a notícia. Conforme Charaudeau (2010, p. 132), o acontecimento significado “[...] nasce num processo evenemencial que [...] se constrói ao término de uma mimese tripla. É daí que nasce o que se convencionou a chamar de ‘a notícia’”. Nesse sentido, notícia configura um acervo de informações inscrito no mesmo espaço temático e apresentado como novidade. De outra forma, a notícia resulta de uma fonte e pode ser tratada de forma diferente, apresentando elementos novos.

Assim, o espaço temático, o lugar, o fato, o atores, o caráter de novidade, a fonte e seus diversos tratamentos correlacionam-se às condições sócio-históricas e culturais de produção do discurso, sobretudo, no que diz respeito ao seu aspecto situacional. No caso de nosso *corpus*, a notícia integra a cena englobante do discurso jornalístico. Segundo Maingueneau (2008; 2013; 2015), ao ler jornais, receber folhetos na rua, ler livros, bulas, receitas, não é tão fácil classificar o tipo de discurso com o qual nos deparamos. No entanto, por meio de sua função social, podemos chegar a essa categorização. Dessa forma, podemos determinar qual é a “[...] cena englobante na qual é preciso que nos situemos para interpretá-lo, em nome de que [o texto] interpela o leitor, em função de qual finalidade ele foi organizado” (MAINGUENEAU, 2013, p. 95).

Contudo, para o leitor, receber uma notícia e dizer que se trata de um discurso jornalístico é insuficiente. O leitor, ao ler a notícia, por exemplo, não está tratando com o discurso jornalístico, mas com o gênero de discurso, que define os papéis sociais que ele deve assumir.

Trata-se de um dispositivo de comunicação possível de atualizar as interações por meio de um arsenal de gêneros já existentes e conhecidos dos indivíduos. Isso possibilita tanto a manutenção das relações sociais quanto a economia no tempo da interação pela recorrência de modelos preestabelecidos, não havendo necessidade de se criar um gênero a cada situação comunicativa iniciada. (NASCIMENTO e CANO, 2011, p. 400).

Nessa perspectiva, o discurso jornalístico está ligado à cena englobante jornalística. Ambos concebem o gênero de discurso jornal, o qual, por sua vez, suscita algumas coordenadas, como uma finalidade, o estatuto de parceiros legítimos, o lugar e momento

legítimos, o suporte material, a organização textual, os recursos linguísticos (MAINGUENEAU, 2013). O texto notícia, então, se realiza no gênero de discurso, o qual com a cena englobante define o quadro cênico do discurso. Na medida em que o leitor pode identificar o tipo de discurso que recebe, é possível afirmar que, mesmo afastada, a cena englobante contribui para a produção dos efeitos de sentido, conquanto a realização empírica da leitura ocorre por intermédio da cena genérica, definidora do papel dos coenunciadores. Mas, em última instância, a interação entre o leitor e a notícia ocorre por meio da cenografia construída pelo enunciador. Portanto, a cenografia é aquela com a qual o leitor se defronta.

É a partir de enunciados descritos em determinadas condições sócio-históricas e culturais que a cena vai sendo construída. Nesse sentido, não existe um quadro construído *a priori* e independente no interior do espaço. A cenografia existe em sua relação de reciprocidade produtiva com a enunciação, o acontecimento propriamente dito. A cenografia afasta o quadro cênico (cena englobante e cena genérica) e o leitor recebe o texto por uma cena construída pela enunciação que deve legitimar a cenografia.

A construção da cenografia: estratégias e envolvimento

Destacamos, em sublinhado, os enunciados pelos os quais vamos nos apoiar. No entanto, consideramos a cobertura global das notícias publicadas entre os dias 18 e 19 de setembro de 2013, nos jornais ASP e DSP. Para comodidade da análise, numeramos os parágrafos dos textos selecionados.

Texto [1]

FAMÍLIA MORTA E FERRAZ DE VASCONCELOS Boliviano ameaçou a namorada de morte

[1] A auxiliar de enfermagem Dina Vieira da Silva, 42 anos, denunciou à polícia, em março, que havia sido ameaçada de morte pelo namorado boliviano Alex Guinones Pedraza, 33 anos, quando tentou romper. Dina e quatro filhos foram encontrados mortos no apartamento na segunda. A polícia suspeita de envenenamento ou vazamento de gás. O boliviano está preso e nega o crime.

Agora São Paulo, 19 de setembro de 2013.

O leitor, ao ler a notícia acima, interage com a cenografia de crime que vitimou uma família da periferia da Grande São Paulo. A cenografia se desenvolve acerca dos possíveis

motivos que levariam Alex Pedraza a matar Dina Vieira e os quatro filhos dela. As condições sócio-históricas e culturais de produção atribuem aos enunciados o sentido de crime passional. O locutor/jornalista responsável pela informação lança mão de um enunciador/investigador. O coenunciador/leitor da notícia de violência doméstica passa, no desenvolvimento da construção da notícia, de coenunciador/expectador a júri de um crime.

A notícia do texto [1] fora publicada no jornal ASP em 19 de setembro, portanto, três dias depois do acontecimento. Deste modo, o caso já era conhecido do leitor deste jornal, e, também, fora amplamente divulgado nas mídias durante aquela semana. Todavia, neste dia, o jornal ASP expõe um elemento novo ao fato: a vítima, Dina Vieira, foi ameaçada porque tentara romper o namoro. O caráter de novidade suscita, de modo antecipado, a ideia de um crime passional.

No parágrafo [1], o enunciador refere-se ao elemento passional, sugerindo outro modo de tratamento da notícia. Contudo, o enunciador reitera que “a polícia suspeita de envenenamento ou vazamento de gás” [1], embora, validada pelo enunciado, a cenografia encene pelo seu dispositivo de fala um crime movido pela paixão e ciúmes: “O boliviano está preso e nega o crime” [1].

Na constituição da cenografia, como propõe Maingueneau (2013), os enunciados recorrem às cenas validadas. As cenas que lhes darão *status* dizem respeito àquelas que já estão instaladas na memória coletiva. Nessa senda, a enunciação reforça o fato de os motivos passionais desencadearem reações violentas em algumas pessoas e levá-las a cometer crimes bárbaros contra aqueles com quem conviveram de modo afetivo. Dessa forma, a cenografia legitima, de modo recíproco, a sua existência como enunciado. “É na sua progressão que o enunciando vai se legitimando na medida em que aciona um dispositivo de fala e, retroativamente, se valida” (NASCIMENTO; CANO, 2011, p. 400).

Texto [2]

Polícia investiga se boliviano viu a família agonizar

[1] Vestígio de fezes em tênis de Alex Pedraza pode indicar que ele estava no apartamento de Dina quando ela e os filhos começaram a passar mal.

Diário de São Paulo, 19 de setembro de 2013.

Observamos que, no texto [1], a criminalização ocorreu de forma sugerida. No entanto, no texto [2], publicado em 19 de setembro pelo jornal DSP, a cenografia se apoia em

provas periciais materializadas pela enunciação para criminalizar Alex Pedraza. O material periciado pela Polícia Civil é tomado pelo jornal como evidências materiais e simbólicas que colocam Pedraza na cena do crime.

O leitor, assim, é levado, no enlaçamento com a cenografia, a ligar as práticas discursivas produzidas pelos jornais às conclusões preliminares produzidas pela perícia científica da instituição polícia. As provas periciais mobilizam a crença na ciência científica no campo da perícia técnica. Em nossa cultura, a perícia técnica é acionada para investigar a autoridade de crimes, bem como a forma que eles aconteceram no tempo e no espaço. Desse modo, faz-se necessário convocar testemunhas, recolher resíduos materiais na cena do crime e produzir relações lógicas entre causas e consequências.

Esse processo fundamenta-se em conhecimento especializado e técnico, também, está embasado em juízos de especialistas sobre as possíveis ações que produziram o evento. Mas as questões técnicas e juízos associativos feitos pelos peritos produzem outras materialidades no campo jornalístico. Trata-se de selecionar, por meio de recortes subjetivos, os elementos categóricos para construção da notícia. De fato, os efeitos de sentido no discurso jornalístico devem tornar o evento produtivo, isto é, devem produzir efeitos narrativos que levem o coenunciador a acompanhar o desenrolar da notícia, por consequência, acompanhar a produção da notícia pelo jornal em questão.

No texto [2], a possível crueldade e frieza proposta pelo enunciado “Polícia investiga se boliviano viu a família agonizar”, leva o leitor a apreender o discurso como um crime bárbaro e brutal cometido por um ser humano frio e cruel. A atenção é voltada a encenação dos últimos momentos das vítimas “começaram a passar mal”, com a inserção de Alex Pedraza na cena construída: “vestígios de fezes em tênis” [...] “pode indicar que ele estava no apartamento” [1].

Os enunciados que colocam Alex Pedraza na cena do crime integram a encenação de um crime passional. O coenunciador preenche o espaço social do evento, no caso o apartamento, com os atores envolvidos, porém Alex Pedraza é disposto neste espaço por meio de enunciados que legitimam a cenografia de crime passional. No entanto, outros enunciados ditos antes e depois deste novo fato construído vão de encontro a ideia de crime passional.

Já havia sido publicado pelos próprios jornais que o primeiro a encontrar os corpos e acionar a polícia fora o próprio Alex Pedraza. Dias antes, em testemunho à Polícia Civil, Alex disse que ele, um morador e o subsíndico do prédio arrombaram o apartamento antes de a Polícia Militar chegar, sendo, portanto, inevitável não encontrar “vestígio de fezes em tênis de Alex Pedraza” [1].

Como postula Charaudeau (2008, p. 242):

O acontecimento em estado bruto sofre uma série de transformações - construção desde seu surgimento. Quer seja – na melhor das hipóteses – percebido diretamente por jornalistas, ou relatado por intermediários (testemunhas, agências de imprensa, documentos), já é objeto de uma interpretação. Depois, ao entrar na máquina de informar, passa por uma série de filtros construtores de sentidos, e o relato resultante, assim como seu comentário, escapam à intencionalidade de seu autor.

Texto [3]

Vítima reclamou de cheiro de gás

[1] A polícia afirma que Marcos Franco, 34 anos, subsíndico do prédio de Dina, depôs ontem e disse que a auxiliar de enfermagem o procurou no último domingo para reclamar de forte cheiro de gás no apartamento.

[2] Ele e um vizinho ajudaram o namorado da vítima a arrombar a porta do apartamento na terça, quando os corpos foram achados. Havia fezes e vômito em todos os cômodos da casa.

[3] Também ontem, familiares de um rapaz de 23 anos que morreu em meados de junho no mesmo apartamento afirmaram em entrevistas que ele passou mal cinco dias após se mudar para o mesmo apartamento e inalar gás que vazava do aquecedor.

[4] Toxicologistas dizem que é incomum vazamento de gás provocar vômito e diarreia. Antony Wong, diretor médico do Centro de Assistência Toxicológica do HC, disse que vazamento de gás mata por sufocação ou asfixia e que causa dor de cabeça e desmaio. Sérgio Graff, da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), afirmou que o gás de cozinha é asfixiante e dificilmente causa vômito ou diarreia.

Agora São Paulo, 19 de setembro de 2013.

No mesmo dia da publicação da notícia no jornal DSP, o ASP noticiou, no desenrolar do caso, mais um fato novo por meio de novas fontes.

O ASP retoma os enunciados anteriores: “ele - subsíndico - e um vizinho ajudaram o namorado da vítima (Alex) a arrombar a porta do apartamento, na terça, quando os corpos foram achados” [2]. “Havia fezes e vômitos em todos cômodos da casa” [2]. Contudo, a construção da notícia vai sofrendo modificações conforme a inexistência de provas mais concretas sobre a autoridade do crime.

No corpo do texto noticioso, há uma troca do item lexical “boliviano” pela expressão “namorado da vítima” [2]. Essa troca não é banal e tem implicações importantes na produção dos efeitos de sentido. Também, o título da notícia remete o leitor a outro campo semântico, levando-o a apagar, por um momento, a ideia de crime passional: “Vítima reclamou de cheiro de gás” [texto 3]. A partir de parágrafo [3], a enunciação vai procurar legitimar uma

cenografia de fatalidade. O enunciador põe em evidência a questão do vazamento de gás, apagando a ideia de crime.

O item lexical “boliviano” é marcado desde as primeiras notícias acerca do evento. Esse adjetivo pátrio não alude apenas à nacionalidade do acusado, mas reconhece essa nacionalidade de forma pejorativa. O fato de tratar Alex Pedraza como “o boliviano” reforça os estereótipos construídos sobre nossos vizinhos da América do Sul, em especial, os imigrantes bolivianos, que vivem, no Brasil, em sua maioria, ilegais, em condições de pobreza e submetidos a trabalhos intensos.

Mas, com a produção das provas periciais, o caso vai, aos poucos se esclarecendo e a criminalização de Alex Pedraza tende a se torna insustentável. Dessa forma, um elemento novo é trazido em favor do acusado “um rapaz de 23 que morreu em meados de julho no mesmo apartamento [...] após inalar gás que vazava do aquecedor” [3]. Conquanto, como a Polícia Civil ainda não descartou a possibilidade do crime, os jornais procuram extrair um pouco mais da tragédia.

Deste modo, enunciados de fontes indicadoras de autoridade científica no assunto são mobilizados para a construção da enunciação, construindo por outros aspectos uma cenografia de crime: “toxicologista dizem”, “diretor médico do centro de Assistência Toxicológica do HC”, “Sérgio Graff da Unifesp afirmou” [4]. Estas falas de autoridades do campo da ciência médica descartam a ligação de os vômitos e as fezes, encontradas por todo apartamento, serem sintomas do envenenamento por gás. Em última instância, sustentam a possibilidade de as vítimas terem morrido por outro tipo de envenenamento, causado, talvez, de forma criminosa.

Texto [4]

Namorado **ameaçou mãe achada morta com os filhos**

Em março, ela registrou queixa em que dizia que suspeito havia ameaçado matá-la

[1] A auxiliar de enfermagem Dina Vieira da Silva, 42 anos, procurou a DDM (Delegacia da Defesa da Mulher), no centro de SP, em março deste ano, para reclamar que o namorado, o boliviano Alex Guinones Pedraza, 33 anos, havia ameaçado matá-la.

[2] Ele foi preso anteontem à noite, quase 24 horas após a namorada e os quatro filhos dela, com idades de 7 e 16 anos, de outros três relacionamentos, terem sido encontrados mortos no apartamento onde moravam, em um condomínio de Ferraz de Vasconcelos (Grande SP).

[3] Pedraza é considerado suspeito, mas alega inocência. A reportagem não localizou a defesa dele. Ele teve a prisão temporária de 30 dias decretada pela Justiça. O DHPP

(Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa) investiga se as mortes foram causadas por envenenamento ou por vazamento de gás.

[4] Ao registrar a queixa neste ano, Dina afirmou à polícia que tentou romper o namoro, mas Pedraza não aceitou, afirmando que a mataria e não adiantaria ela fugir.

[5] Alguns anos antes, em março de 2009, Dina havia prestado queixa no 54º DP (Cidade Tiradentes). Na ocasião, ela disse que havia se mudado e que o namorado tinha descoberto seu endereço. Segundo o relato da vítima, ele foi ao prédio de Dina, a xingou e agrediu.

[6] Em novembro de 2008, quando completou um ano de namoro com Pedraza, ela havia comparecido ao 8º DP (Belém) e se queixado que fora agredida com chutes. Dina teve uma filha com ele. Atualmente, a menina tem seus anos e está aos cuidados da avó paterna.

[7] Mãe e quatro filhos foram enterrados ontem no cemitério Bosque da Paz, em Vargem Grande Paulista (44 km de SP). O marceneiro Brás Lopes de Souza, 42 anos, e o metalúrgico Aparecido Elias dos Santos, 42 anos, ex-maridos de Dina, foram ao enterro.

[8] Santos afirmou que Pedraza era ciumento e não o deixava ver os filhos que teve com Dina. Maicon, 17 anos, o filho mais velho de Dina, disse ontem que Pedraza era possessivo, agredia sua mãe e havia ameaçado matá-la.

(Josmar Jozino e FSP)
Agora São Paulo, 19 de setembro de 2013.

O título da notícia do texto [4] anuncia que o enunciador vai construir outro caminho enunciativo acerca do acontecimento. Trata-se, agora, de encenar os conflitos particulares entre o casal, deslocando para o espaço discursivo as práticas de discursivas que estavam “alheias” até o momento: as ameaças de morte feita por Alex Pedraza e as denúncias da vítima na Delegacia da Mulher. Estas práticas sugerem uma ligação entre as ameaças e a denúncia, porém procuram deslegitimar a instituição polícia pelo fato de ela não ter apurado as queixas da vítima.

Os parágrafos [2] e [3] retomam, de forma breve, as primeiras ações da Polícia Civil sobre o caso. Nos parágrafos seguintes, a construção da cenografia legitima a enunciação que, por sua vez, deve legitimar a cenografia. A enunciação encena as desavenças no relacionamento entre o casal. Essa cenografia é necessária para ligar os conflitos desestruturais de famílias em situação de vulnerabilidade social (causa) à morte de Dina e seus quatro filhos no apartamento (consequência). A cena validada caracteriza-se como “[...] estereótipo autonomizados, descontextualizado, disponível para reinvestimento em outros textos” (MAINGUENEAU, 2013, p. 102).

No parágrafo [5], por exemplo, a enunciação recorre à memória coletiva: o fato de a mulher tentar romper o namoro por sofrer agressões de seu companheiro que, além de não aceitar o rompimento, fazia ameaças contínuas a sua companheira. De outro modo, o fato de uma mulher, em relação às agressões do companheiro, prestar queixas na delegacia e as

autoridades não atenderem com urgência a ocorrência. Por último, os enunciados mobilizam uma memória coletiva de uma família incapaz de cuidar dos próprios filhos: “Dina teve uma filha com ele. Atualmente a menina tem seis anos e está aos cuidados da avó paterna” [6].

Além disso, uma circunstância pejorativa na memória coletiva da sociedade machista atual diz respeito ao fato de a mulher ter tido muitos relacionamentos e muitos filhos, acionando o ciúme, normatizado em tal sociedade, concedendo uma compreensão de que o companheiro, por isso, é passível de ter um temperamento violento e possessivo. “Santos afirmou que Pedraza era ciumento e não o deixava ver os filhos que teve com Dina” [8] e “Maicon, 17 anos, o filho mais velho de Dina, disse ontem que Pedraza era possessivo, agredia sua mãe e havia ameaçado matá-la” [8]. Em última instância, a constituição da cenografia instaura conflitos insustentáveis no âmago de famílias vulneráveis socialmente, revelando práticas machistas e violentas no campo da igualdade de gêneros.

Essas cenas de fala validadas servem para apoiar a cenografia construída. Como sugere Maingueneau (2013), as cenas de fala, embora validem a cenografia, são modelos que, “à luz do dia” procura-se rejeitar. De qualquer modo, conduzem o leitor a um histórico psicopático do suspeito. O leitor, no curso da enunciação, vai sendo enlaçado pela cenografia de relatório psicossocial. Desse modo, “[...] a cenografia é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la” (MAINGUENEAU, 2013, p. 97).

Texto [5]

Para polícia é provável que família tenha sido envenenada. Justiça decretou prisão de namorado da mãe.

[1] O boliviano Alex Guinones Pedraza, 33 anos, foi preso ontem à noite, quase 24 horas após a namorada, a auxiliar de enfermagem Dina Vieira da Silva, 42 anos, e os quatro filhos dela terem sido encontrados mortos no imóvel da família, em Ferraz de Vasconcelos (Grande SP).

[2] Segundo a Polícia Civil, a Justiça acatou o argumento de que Pedraza não tem endereço nem trabalho fixos e poderia fugir, prejudicando as apurações do caso, e decretou a prisão temporária do boliviano. Ele é considerado suspeito pela polícia. O *Agora* não localizou o advogado dele ontem à noite.

[3] No apartamento das vítimas forma apreendidos uma jarra com um líquido amarelado e pedaços de bolo. Houve vazamento de gás no imóvel. O DHPP (Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa) trabalha com duas hipóteses: envenenamento das vítimas ou intoxicação causada pelo gás. Pelo imóvel havia fezes e muito vômito. Não havia sinais de violência nos corpos.

[4] Segundo a perícia, Dina foi encontrada morta de bruços na cama de um dos quartos. A filha caçula, Vitoria Cristina Vieira da Silva, 7 anos, estava no chão da sala e

Caroline Laura da Silva Lopes, 11 anos, no sofá. Karina Rosa da Silva Lopes, 16 anos, morreu no box do banheiro e o irmão Carlos Daniel da Silva Lopes, 12 anos, no quarto dos fundos. Segundo a polícia, Caroline estava só de calcinha. As irmãs e a mãe foram encontradas sem calcinha.

[5] Na madrugada de ontem, Pedraza afirmou à polícia que anteontem havia ligado várias vezes para Dina. Como ela não atendeu, ele foi ao apartamento da namorada. Como o imóvel fica no térreo, ele viu, por uma janela, duas crianças caídas. Com ajuda de um morador e do síndico, ele arrombou a porta do imóvel, encontrando os corpos. A polícia analisa as imagens das câmeras do condomínio.

Ameaças

[6] Dina procurou a Polícia Civil três vezes para reclamar de ameaças feitas pelo namorado. Ela registrou três boletins de ocorrência – em 2008, 2009 e este ano. Pedraza já foi condenado a dois anos por furto.

[7] Este foi o quarto crime envolvendo famílias assassinadas em menos de dois meses. No total, 17 pessoas morreram.

(Josmar Jozino)

Agora São Paulo, 18 de setembro de 2013.

A construção de uma cenografia de crime sexual foi abandonada nas notícias ulteriores.³ Na notícia do texto [5], o enunciador afirma, por meio das cenas de fala validadas socialmente, que “não havia sinais de violência nos corpos” [3]; “as irmãs e a mãe foram encontradas sem calcinha” [4]. Estes enunciados constroem uma cenografia de crime sexual, somada ao crime de envenenamento e assim não descarta as informações da fonte: “no apartamento das vítimas foram apreendidos uma garrafa com um líquido amarelado e pedaços de bolo. Houve vazamento de gás no imóvel” [3].

Mas a cenografia de crime sexual logo foi substituída, pois a informação de que as meninas e a mulher estavam nuas ou seminuas era totalmente irrelevante para apurar se elas foram ou não envenenadas, posto que a possibilidade de estupro não fora cogitada pela Polícia Civil. Note-se que sobre o menino não se tem nenhuma informação sobre a roupa que ele vestia quando foi encontrado.

No parágrafo [7], contudo, o enunciador dispensa, de modo abrupto, as investigações periciais e afirma que houve um crime. “Esse foi o quarto crime envolvendo famílias assassinadas em menos de dois meses” [7]. Dessa maneira, no aspecto global da construção da cenografia em reciprocidade com a enunciação, é possível verificar que o jornal ASP criminaliza Alex Guinones Pedraza sem qualquer prova pericial. Supomos que tal posicionamento tem a ver improdutividade da notícia após dois dias, pelo fato de seus atores serem indivíduos menos privilegiados socialmente.

³ Está notícia fora publicada no dia 18 de setembro de 2013, portanto antes das outras que analisamos.

No parágrafo [7], a notícia da morte das cinco pessoas é afastada para ser construída uma cenografia de relatos de crimes em São Paulo. O jornal, longe de ser imparcial, assevera por meio do enunciador que houve um crime, mesmo sem apuração da verdadeira causa das mortes. No entanto, uma pequena notícia nos supracitados jornais, muitas semanas depois, revelou que não houve nenhum crime, mas uma fatalidade em decorrência do vazamento de um aquecedor a gás residencial mal instalado, vitimando Dina Vieira e seus quatro filhos.

Considerações finais

As notícias deram conta da morte de cinco pessoas da mesma família em setembro de 2013, em Ferraz de Vasconcelos, Grande São Paulo. De modo global, o leitor se depara, na interação com a cenografia legitimada de modo recíproco com a enunciação, com um criminoso, não com um suspeito.

Os sujeitos lançam seu olhar sobre o espaço social por meio dos discursos que nele circulam. O efeito de sentido depende da posição coenunciativa de cada sujeito. Então, o homem levado pelo policial, cobrindo o rosto na figura [1], não é apenas um homem escondendo a face. Ele, conforme a enunciação que vai se materializando por meio de enunciados, é um boliviano: um estrangeiro, suspeito de matar uma família inteira envenenada. Ele, também, é um agressor reincidente, pois, como consta nos boletins de ocorrência feitos na Delegacia da Mulher, a vítima havia registrado três queixas por violência doméstica. Ele, ainda, é um ex-condenado da polícia por furto.

Mas o que faz Alex Pedraza um suspeito não é somente sua ligação com uma das vítimas, no caso Dina Vieira, sua namorada, mas, sobretudo, a encenação de uma violência doméstica, contida na memória discursiva do leitor desses jornais. Uma jarra com líquido amarelado e um pedaço de bolo encontrado no local, junto aos cinco corpos, são os objetos que mobilizam cenas de fala validadas para criação do cenário. Além disso, elementos linguísticos são necessários à produção da enunciação e vão, com seus atores, compondo a cena. A construção discursiva da notícia, dessa maneira, circunscreve um imigrante boliviano sem endereço e emprego fixos, ciumento, violento, péssimo pai e possessivo.

Apresentada como crime nos jornais ASP e DSP a notícia foi explorada pela vulnerabilidade social das famílias das periferias da cidade e pelo viés sociocultural dos envolvidos, desencadeando outros tipos de violências materializadas no discurso. A violência propriamente dita, isto é, o acontecimento da morte de cinco pessoas da mesma família,

desencadeia uma série de violências presentes na memória discursiva do leitor desses jornais populares: a violência contra mulher, a violência contra a população mais carente, a violência contra imigrantes bolivianos, a violência contra criança. Essas violências, se não estão configuradas como atos de violências, apresentam-se como estados de violência.

O leitor é envolvido por meio de cenografias construídas pela enunciação que se desenrola no caso da família morta por envenenamento. São construídas encenações de violência urbana, de crimes bárbaros e sexuais. Desta forma, a constituição da cenografia legítima, de modo recíproco, uma enunciação de um estado de violência física e simbólica, o qual se presentifica no *corpus* analisado.

A enunciação singular da enunciação é engendrada dentro de um quadro maior de violência urbana. O leitor do jornal é posto em uma cenografia estereotipada que, para ser legitimada, se apoia em cenas socialmente validadas, por meio de enunciados, que reproduzem esses estereótipos. Assim, as cenas de fala validadas são escolhidas de acordo com o grupo visado, no caso de nosso *corpus*, as cenas escolhidas abrangem um grupo amplo, nomeadamente leitores populares destes jornais.

Esta condição recíproca entre enunciação e cenografia leva o coenunciador a acionar os estereótipos para criminalizar, de forma velada, Alex Guinones Pedraza, já que, conforme fora apurado pelo Instituto de Criminalística (IC), as vítimas morreram por causa do vazamento de gás no apartamento onde moravam. A mídia jornalística que se define imparcial se torna especulativa e sensacionalista. Observamos que a violência simbolizada pelos jornais supracitados vê-se fomentada em relação à violência experienciada na realidade, tais interferências adoçam as violências efetivas.

Na notícia em análise, não é possível negligenciar, para efeito de discussão, as condições de moradia da família; de vulnerabilidade social; a responsabilidade por parte da empresa pelo vazamento de gás; a violência contra a mulher; a omissão da polícia em apurar denúncias de violência contra mulheres; a questão da política de imigração brasileira de grupos socialmente marginalizados; a xenofobia. De fato, não podemos fechar os olhos para essas questões e enfatizar as circunstâncias que envolvem a violência física, esperando que os acontecimentos rendam, por parte de algumas mídias jornalísticas, mais encenações falaciosas.

Referências

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Trad. Ângela S.M. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2 ed. (Coord.) de Tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. Organização: Sírio Possenti, Maria Cecília Péres Souza-e-Silva. São Paulo, Parábola, 2008.

_____. *Análises de textos de comunicação*. 6. ed. ampl. Trad. Cecília P. de Souza; Décio Rocha. São Paulo: Cortez: 2013.

_____. *Discurso e análise do discurso*. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas; CANO, Márcio Rogério de Oliveira. Cenas da enunciação em textos jornalísticos: o caso da “ditabranda” na Folha de S. Paulo. *Veredas on-line – Atemática* – 1/2011, p. 398-411.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras. 2003.

Artigo recebido em: 18/09/2017.

Artigo aceito em: 27/11/2017.

Artigo publicado em: 23/12/2017.